**Meditações para o Tríduo Pascal**

**TOMÁS HALIK, *A tarde do cristianismo. O tempo de transformação*,**

**Ed. Paulinas, Prior Velho, 2002**

**… Quinta-feira Santa – Abraçar a presença contínua de Cristo… até que Ele venha!**

As crises mais dolorosas dos últimos anos são as feridas infligidas por representantes da Igreja a pessoas indefesas, especialmente crianças e adolescentes; fazendo-o, prejudicaram também a credibilidade da Igreja no mundo e essas feridas serão de muito lenta e difícil cicatrização. Para dezenas de milhares de católicos estes abusos e o seu encobrimento foram aquela gota de água, que levou à sua decisão de abandonar a Igreja (103).

Normalmente essas pessoas, por via de regra, não se tornaram ateias. Já eram ateus antes cuja relação com a Igreja se reduzia a uma adesão formal, mas por rotina familiar ou por tradição cultural, não respaldada numa experiência pessoal de fé (153).

A Igreja está a pagar o preço da sua tentação de transformar o 6.º mandamento no 1.º (104).

O fenómeno do abuso desempenha um papel semelhante ao das indulgências na final da Idade Média, que precipitou a Reforma. Aquilo que a princípio parecia um fenómeno marginal revela claramente doenças do sistema (104).

Se quisermos, após esta onda de escândalos, a Igreja encontra-se moral e psicologicamente numa situação semelhante à da nação alemã depois do holocausto. Não digo isto para equipar as atrocidades. Mas para dizer que a maior parte dos alemães sofre pela perversão de um só, sendo difícil de avaliar a cumplicidade do povo alemão como da Igreja nesta situação (104).

O abuso sexual e psicológico na Igreja é um abuso de poder que, invocando a sua inquestionável origem sagrada, procura escapar ao escrutínio e à crítica. Ao enfatizar o poder sagrado do sacerdote, a pseudomística romântica do sacerdócio, criou uma aura mágica á volta da pessoa do padre, que muitas vezes atraía candidatos moral e psicologicamente perturbados (106).

“Aquilo que hoje torna os seminários tradicionalistas atrativos para um certo tipo de candidatos é que muitas vezes eles se tornam um refúgio para pessoas que não têm coragem para viver e servir a Igreja nos dias de hoje e na sociedade contemporânea: eles tendem a procurar o museu de cera protegido do passado” (106-107 – nota 80).

A expressão *sacerdos alter Christus* (o sacerdote é um outro Cristo) é uma expressão perigosa, porque não existe nenhum revezamento, nenhum outro Cristo. Há um e um só Cristo, um mediador entre Deus e os Homens. Cristo é o único mediador, o representante de Deus diante do Povo e o representante do povo diante de Deus. Jesus não é um segundo Deus e o sacerdote não é o seu substituto. O sacerdote não é um substituto de Cristo. O representante aponta para o representado. O substituto tenta tornar o substituído redundante. (107 – cf. nota 81).

Todo o cristão por meio do batismo participa do sacerdócio de Cristo: anunciar ao mundo o amor abnegado de Deus. Todo o cristão é chamado a tornar presente Cristo neste mundo. A vida de todo o cristão é em certo sentido eucarística. Um sacerdote não deve ser um ídolo, mas um ícone. Por isso, lutar contra o clericalismo é uma saudável forma de iconoclastia.

Aqueles que a Igreja chama “sacerdotes” carregam o selo indelével do sacerdócio ministerial e são chamados a cumprir o mandato de Jesus de ser o último e o servo de todos. É esta a sua forma de seguir Cristo e este é um elemento importante da sucessão apostólica (106).

Meditação – Card. Ratzinger – Via-sacra, 9.ª estação, 2005

Mas não deveríamos pensar também em tudo quanto Cristo tem sofrido na sua própria Igreja? Quantas vezes se abusa do Santíssimo Sacramento da sua presença, frequentemente como está vazio e ruim o coração onde Ele entra! Tantas vezes celebramos apenas nós próprios, sem nos darmos conta sequer d’Ele! Quantas vezes se contorce e abusa da sua Palavra! Quantas palavras vazias! Quanta sujeira há na Igreja, e precisamente entre aqueles que, no sacerdócio, deveriam pertencer completamente a Ele! Quanta soberba, quanta autossuficiência! Tudo isto está presente na sua paixão. A traição dos discípulos, a receção indigna do seu Corpo e do seu Sangue é certamente o maior sofrimento do Redentor, o que Lhe trespassa o coração. Nada mais podemos fazer que dirigir-Lhe, do mais fundo da alma, este grito: Kyrie, eleison – Senhor, salvai-nos (cf. Mt 8, 25).

**Meditações para o Tríduo Pascal**

**Tomás Halik, A tarde do cristianismo. O tempo de transformação,**

**Ed. Paulinas, Prior Velho, 2002**

**….. Sexta-feira Santa… Abraçar a Paixão de Cristo, que contínua**

A crise do meio-dia na história da fé pode também ser vista como uma época de ateísmo e de morte de Deus. A experiência de um radical eclipse da presença de Deus é uma espécie de atualização do sacrifício de Cristo na Cruz, a Sexta-Feira Santa da História (114).

O ateísmo da dor e do protesto contra a dor, o mal e o sofrimento no mundo, pode ser uma participação mística na cruz, no grito de abandono de Jesus, por parte de Deus (115).

Estou convencido de que uma fé madura deve levar a sério a experiência da escuridão do meio-dia, que faz parte da história do Evangelho e da jornada espiritual do crente e deve ser capaz de abraçá-la e integrá-la (115).

As trevas do meio-dia recordam-nos as noites escuras do nosso caminho de fé, em que a única luz é o desejo. A alma encontra-se nas trevas, experimentando a aridez, mas simultaneamente um desejo de permanecer só e em silêncio com Deus (117).

Mas chega então a amarga e dolorosa noite do espírito, a noite da fé, quando, pelo contrário, Deus se perde nas trevas do silêncio e a alma é consumida pela sua ausência (117)

É aqui que a vida espiritual se transforma numa forma de fé nua, na qual o seu verdadeiro núcleo é revelado e despertado. (118). “Apenas a fé nua, livre de todo o lastro, poderá ser a fé de Deus (1 Jo 4,16)” (215).

Esta crise da imagem de Deus, realizador impassível e omnipotente, da natureza e da história é uma oportunidade para redescobrir a teologia da Cruz: descobrir um Deus que se mostra o seu amor patético (um amor apaixonado e sofredor) em que Jesus se entregou na Cruz. (120)

Cada celebração da Páscoa permite-nos tocar de novo o coração do cristianismo e compreendê-lo mais profundamente (121-122).

A Igreja e a sua fé são cristãs tal como o é a Páscoa: ela morre e ressuscita (196). Existem muitas formas de fé (por herança, por entusiasmo) que, em algum momento têm de morrer. Tal como o grão de trigo lançado à terra tem de morrer para frutificar.

Não deverá a nossa fé imitar a *kenosis* de Cristo, morrer para a sua condição anterior e tornar-se vazia, para poder ser preenchida pela plenitude de Deus? (215)

“Do mesmo modo que uma e outra vez celebramos a Páscoa ao longo das nossas vidas e da nossa história, para, ano após ano, entender o seu significado mais profundamente, também a nossa fé deve revisitar o mistério pascal da morte e da ressurreição. Não tenhamos medo dos momentos em que a nossa fé é crucificada no madeira da dúvida, quando desce aos infernos da dor e do abandono e algumas das suas formas definham e são depositadas num túmulo. Então as dores da nossa fé são uma participação misteriosa nas dores da Igreja e, portanto, no mistério permanente da Cruz de Jesus. As nossas dores são o que falta para se completarem na história os sofrimentos de Cristo. É uma espécie de *passio contínua*, uma paixão contínua (216).

Coloquemos as nossas perguntas, dores e dúvidas, as nossas noites de fé, num contexto mais amplo, na fé de toda a Igreja, onde pessoalmente e em comunidade vivemos os longos e frios invernos e as primaveras (217). Normalmente as crises da Igreja e as crises pessoais são vividas conjuntamente.

Por vezes os crentes experimentam a escuridão de Sexta-Feira Santa, uma sensação de que Deus os abandonou. Mas aqueles que perseveram nessas noites escuras (seja da sua fé pessoal seja da vida da Igreja) experimentarão, mais cedo ou mais tarde, a luz da manhã de Páscoa e a transformação da sua fé (196).

Poder-se-á dizer que acredito hoje novamente como acreditava antes, mas de maneira diferente. O ateísmo pode dar lugar ao anateísmo: crer novamente, de uma maneira nova e mais profunda, depois da fé ter passado pelo fogo purificador da crise (116-117).

Se na dor e na miséria das pessoas tocamos as chagas de Jesus, então nas trevas da fé trespassada então nas trevas da fé trespassada e crucificada e moribunda de muitas pessoas tocamos esta chaga. **A nossa fé não será completa se não entrar nesta escuridão da cruz e no silêncio do sábado santo** (197).

A Igreja, meu amor e minha cruz (110).

Vivamos o tempo da desolação.

Repito o desafio: tende a fé de Deus (Mc 22,42). Não a fé em Deus. Deus não é o objeto, mas o sujeito da fé. Na fé de Jesus está a fé do próprio Deus, a sua arriscada confiança em nós (189). Essa fé de Deus foi crucificada, morta e sepultada por nós, mas não permanece no túmulo. Porque o amor é mais forte do que a morte (190).

Tende a fé que Deus tem. Deus ama-nos e confia em nós, para que possamos participar dessa fé, confiando nela. Temos fé e amor, apenas sob a forma de esperança e não sob a forma de posse (214).

Não confundamos a nossa fé em Deus com a fé na Igreja. A nossa fé não se relaciona com Deus e com a Igreja, de igual modo. A fé na Igreja não é colocada no mesmo plano que a fé em Deus, mas também não é algo separado dela (111). A Igreja só é a Igreja de Cristo na medida em que o Espírito Santo opera nela.

**Oração – Card. Ratzinger – Via-sacra, 9.ª estação, 2005**

Senhor: o vestido e o rosto tão sujos da vossa Igreja horrorizam-nos. Mas somos nós mesmos que os sujamos! Somos nós mesmos que Vos traímos sempre, depois de todas as nossas grandes palavras, os nossos grandes gestos. Tende piedade da vossa Igreja: também dentro dela, Adão continua a cair. Com a nossa queda, deitamo-Vos ao chão, e Satanás a rir-se porque espera que não mais conseguireis levantar-Vos daquela queda; espera que Vós, tendo sido arrastado na queda da vossa Igreja, ficareis por terra derrotado. Mas, Vós erguer-Vos-eis. Vós levantastes-Vos, ressuscitastes e podeis levantar-nos também a nós. Salvai e santificai a vossa Igreja. Salvai e santificai a todos nós.

**….. Noite e Dia de Páscoa…**

**Abraçar o presente da Páscoa que contínua**

A história da Páscoa não permite que o inferno e a morte tenham a última palavra final. Ela termina com a mensagem do amor mais forte do que a morte. Nos Evangelhos, lemos quão lenta e pesadamente a luz da Páscoa penetrou nas trevas e na tristeza dos apóstolos. Jesus aparece-lhes transformado, para além do humano reconhecimento, pela experiência da morte. Às vezes parece que ainda não temos os ouvidos nem os corações suficientemente preparados para esta mensagem. A notícia da morte de Deus parece ter-se enraizado em nós mas a da ressurreição não: ainda não foi totalmente compreendida e aceite. Chega-nos frequentemente de forma banal: ou como mera reanimação de um cadáver ou a sob a ideia simbólica de que a causa de Jesus não morreu (190).

A ressurreição de Jesus não pode ser reduzida à reanimação de um cadáver, nem a ressurreição dos crentes a uma vida após a morte. Paulo fala da ressurreição dos crentes, como a sua vida radicalmente nova, aqui e agora. A ressurreição de Jesus, a ressurreição dos crentes, a ressurreição da Igreja não são um regresso ao passado, uma repetição daquilo que já se passou. A Ressurreição é sempre uma transformação radical. A ressurreição não termina na manhã seguinte à Páscoa. Tal a criação contínua, podemos também falar de uma ressurreição contínua. A vitória de Jesus sobre a morte, sobre a culpa e sobre o medo, continua na história, na fé da Igreja e nas histórias de cada um. A vida oculta do ressuscitado é como um rio subterrâneo, que irrompe à superfície nos eventos das conversões individuais e das reformas da Igreja. Crer, tornar-se cristão, é abrir o coração e perceber que Jesus está a ressuscitar dos mortos agora (199-200).

Esta mensagem torna-se credível na medida em que ficar claro que, através do testemunho dos cristãos, Cristo vive neles, na sua fé, na sua esperança e sobretudo na força e na autenticidade da sua solidariedade, do seu amor. “Para eu ter fé no seu Redentor, os seus discípulos teriam de parecer mais redimidos” diz-nos Nietzche.

A nossa liberdade, a nossa redenção de qualquer forma de escravidão, é o testemunho mais convincente da ressurreição de Cristo, essa pedra angular da nossa fé (190).